

TRADUÇÃO: PALAVRAS (DES) CONSTRUÍDAS E (IN) ACABADAS

Alessandra da Silveira Bez¹

alesbez@yahoo.com

RESUMO: O presente artigo propõe um estudo sobre o processo tradutório e seu funcionamento dentro da perspectiva de Mikhail Bakhtin sobre concepção de palavra, reflexão e refração do signo e a Teoria da Tradução, de Rosemary Arrojo. Para ilustrar esta pesquisa, buscou-se o texto original de Oswald Ducrot e colaboradores, estudiosos da linguagem que desenvolveram a Teoria da Argumentação na Língua e suas respectivas traduções. Através de uma breve análise de palavras do texto alvo e palavras do texto fonte, procura-se mostrar que nenhuma tradução pode ser totalmente construída e acabada, pois além do fato de uma língua não recobrir a outra, percebe-se que a expressividade do locutor, inevitavelmente, transparece no texto traduzido.

PALAVRAS-CHAVE: processo tradutório; palavra; refração; expressividade.

INTRODUÇÃO

O tradutor é, muitas vezes, chamado de “traidor”, uma espécie de profissional que, não raro, modifica o texto do autor sem sua “permissão”. O senso comum acredita que esse “transformador da linguagem” apenas precisa transpor palavras de um idioma a outro e isso deve ser feito dentro dos preceitos da “fidelidade”. Por trás dessa ideia de que a tradução precisa ser fiel ao texto original, está uma concepção de que a linguagem é transparente, sendo capaz de refletir a realidade.

Frota (2000:110) chama a atenção para a “Sempre difícil tentativa de atravessar barreiras linguísticas e culturais” que caracterizam o trabalho de tradução. Isso porque as línguas, quando são postas em ato, implicam, de modo incontornável, aquele que diz. Sendo assim, a reprodução plena do original no texto traduzido coloca-se como um ideal que não pode ser alcançado, pois os atos de linguagem, isto é, atos de fala entre indivíduos, longe de serem unívocos, constituem-se como um “processo ininterrupto, que se realiza através da interação social dos locutores” (Bakhtin, 1995:127). De fato, a linguagem não apenas reflete o uso da língua, mas também o refrata. O tradutor é, então, um aprendiz e um pesquisador

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

constantes que, para transmitir ideias de uma cultura para outra, molda os signos delicadamente, como um escultor, cuidadoso e consciente do complexo ofício que está em suas mãos.

Este trabalho recorre à teoria da linguagem presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Mikhail Bakhtin (Volochinov) e à Teoria da Tradução de Rosemary Arrojo e tem como objetivo fazer uma breve discussão sobre a tradução em uma perspectiva enunciativo-cultural. Bakhtin problematiza a concepção de que a linguagem reflete o mundo, afirmando que é característica do signo a reflexão e a refração, ou seja, um signo tem a possibilidade de ressignificação e valoração, a cada vez que é enunciado. Dessa forma, os signos são caracterizados pelas suas ressonâncias, não sendo possível o fechamento de sentido. Por sua vez, Rosemary Arrojo afirma que para uma tradução ser considerada boa, ela precisa estar desprovida de erros, explicando melhor, uma tradução boa é aquela que apresenta conhecimentos estruturais e linguísticos da língua fonte e da língua alvo (no nosso caso, o francês e o português); apropriação dos aspectos culturais de ambas as línguas. Outra forma de se ter uma tradução eficaz é saber quais são os pressupostos e quais são as concepções científicas da comunidade que a produziu para não ocorrer desvios de ordem terminológica. Para a autora, quando o tradutor toma conhecimento desses fatores, ele é capaz de ler melhor o texto assim como escrevê-lo. Recorrendo ao estudo desses dois escultores da linguagem, pergunta-se: o sentido de uma tradução pode ser construído e acabado?

Primeiramente, o estudo traz algumas considerações do filósofo Russel sobre a visão representacionista da linguagem que sustenta o consenso de que o sentido da tradução é fechado. Pode-se afirmar que esse sentido fechado é o sentido literal, que desconsidera o uso da língua. A seguir, apresenta-se a visão sobre tradução que busca legitimar e pensar as consequências da intervenção do tradutor. Na sequência, são apresentados os princípios e noções que orientam este trabalho, buscadas na teoria dialógica de Mikhail Bakhtin e na teoria linguístico-cultural de Rosemary Arrojo.

Para ilustrar, apresenta-se uma breve análise a partir de diferentes obras de Oswald Ducrot e a sua respectiva tradução, o que será detalhadamente exposto na seção dedicada à apresentação da *Metodologia*.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 VISÃO REPRESENTACIONISTA DA LINGUAGEM

Conforme Araújo (2004:58), “Estudos clássicos do sentido acreditam que os enunciados são transparentes em relação ao conteúdo que eles exprimem, ou seja, o que se diz exprime um pensamento que poderia ser traduzido em qualquer outra língua”. Essa visão representacionista da linguagem coloca entre parênteses a dimensão discursiva da linguagem, ou seja, o que os enunciados como acontecimentos discursivos exprimem não é levado em consideração na determinação do sentido.

O filósofo Russel (apud Araújo, 2004:74) acredita que o nome, como tal, é inseparável do objeto que o designa. Esse filósofo vê uma distinção entre nomes próprios e nomes como substantivos e adjetivos. Os nomes próprios representam particulares, enquanto os substantivos e adjetivos representam universais, pois têm por significação propriedades e relações. Nota-se, portanto, a desvinculação entre a língua e a pragmática.

Com o surgimento da pragmática, a linguagem deixa de ser considerada como instrumento para o pensamento representar as coisas e passa a ser vista como uma estrutura articulada que depende do uso para significar. As palavras não são mais submetidas à função exclusiva de nomeação ou designação, não se limitando a estabelecer uma relação direta com a coisa nomeada.

Tais estudos produzem uma mudança no modo de encarar a linguagem, dando destaque ao papel do contexto e dos participantes do ato de linguagem no processo de construção de sentido, o que acaba se refletindo na compreensão do processo tradutório. Não se trata mais de esterilizar a prática de tradução em um “prescritivismo pretensioso e inócuo” pela tentativa de limitar a interferência do tradutor em seu trabalho, mas de dirigir a reflexão para o “papel seminal” da presença do locutor no texto traduzido (Frota, 2000:15).

O reconhecimento da tradução como escritura do tradutor, visto como produtor de significados necessariamente singulares, abre uma fértil perspectiva de produção de conhecimento sobre esse complexo tema.

Antes de propriamente apresentar os elementos da teoria bakhtiniana que fundamentam este trabalho, é trazido o posicionamento sobre tradução de Rosemary Arrojo que já reconhece a interferência do tradutor no processo.

1.2 TRADUÇÃO: UMA TEORIA LINGUÍSTICO-CULTURAL

Para compreender o que é tradução, Arrojo, em seu livro *Oficinas de Tradução*² (1986), posiciona-se contra os teóricos que defendem o processo de tradução como transferência ou substituição. J.C.Catford (apud Arrojo, 1986:20) o conceitua como a substituição do material textual de uma língua pelo material equivalente em outra. Eugene Nida (apud Arrojo, 1986) desenvolve essa ideia afirmando que algumas palavras “carregam” vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um, comparando as palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga.

Nida sugere o controle de conteúdo das palavras até que a transposição na íntegra para um outro conjunto de vagões seja garantida. Notamos que essa visão tradicional mostra o ato de traduzir como um transporte de significados entre língua A e língua B, em que o texto original apresentaria sentidos fixos e completos. Dessa forma, o tradutor assume uma função mecanicista, isto é, transporta a carga de significados de forma intacta, não interferindo nela ou interpretando-a. Assim, de acordo com Arrojo (1986), temos os três princípios básicos para uma boa tradução, sugeridos por um de seus teóricos pioneiros, Alexandre Fraser Tytler:

- 1 – a tradução deve produzir em sua totalidade a ideia do original
- 2 – o estilo da tradução deve ser o mesmo do original e
- 3- a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do original

Arrojo contesta esses princípios e os desmistifica na obra de Jorge Luis Borges, intitulado *Pierre Menard, autor del Quijote*.³ Conforme o narrador explica ao longo do livro, Menard tinha o objetivo de repetir na íntegra o texto escrito por Cervantes a fim de buscar a interpretação e o controle total sobre o texto. Menard tem uma ideia de tradução e de leitura semelhante à de Catford e Nida: o significado de uma palavra é independente do contexto linguístico em que está inserida.

Arrojo sugere, a partir daí, que traduzir não é transferir significados estáveis de uma língua para outra porque o próprio sentido de uma palavra, ou de um texto na língua fonte só pode ser determinado, de forma provisória, através de uma leitura. Por isso, a transferência total de significado não é possível porque o significado do texto fonte depende do contexto linguístico e extralinguístico em que ocorre e da leitura realizada pelo tradutor. Arrojo

² A teoria da tradução desse livro partiu de teorias textuais geralmente rotuladas de “pós-estruturalistas”. Entre os autores mais influentes, incluem-se Roland Barthes, Jacques Derrida e Stanley Fish.

³ O conto é apresentado como uma resenha póstuma das obras de Pierre Menard (personagem fictício criado por Borges), um homem de letras francês que viveu na primeira metade do século XX. O narrador é um crítico literário que enumera a obra “visível” de Menard; o narrador nos apresenta 19 obras, entre elas monografias, traduções, análises e alguns poemas.

desconstrói a ideia de que o texto é um conteúdo depositado e mantido sob controle e constrói a imagem do texto-*palimpsesto*, em que o texto se apaga em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do mesmo texto. Assim, o texto de *Dom Quixote*, ilustrado pelo conto de Borges, não pode ser definido como um conjunto de significados estáveis e imóveis, eternizados nas palavras de Miguel de Cervantes, mas sim múltiplas leituras, interpretações, *palimpsestos*. Dessa forma, a tradução jamais protege os sentidos originais de um autor, mas assume a condição de produtora de significados.

Ao afirmar que a tradução é uma atividade essencialmente produtora de significados e que o ofício do tradutor e o do escritor de textos originais possui o mesmo grau de complexidade, evidencia-se que traduzir é uma tarefa árdua. Segundo Arrojo (1986:76), esse escultor da linguagem deve ter o domínio das línguas envolvidas no processo e deve aprender a traduzir, pois traduzir é também uma forma de aprender a ler, uma vez que “aprender a ler significa, portanto, aprender a produzir significados a partir de um determinado texto, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor”.

Arrojo afirma ainda que o tradutor aprendiz, além de aprender a ler cuidadosamente, deve aprender a escrever. Escrever e traduzir são, dessa forma, operações conjuntas: ao traduzir o tradutor reflete a leitura feita a partir do original; conseqüentemente o texto traduzido será texto de partida para a construção de outras leituras para um público que não tem acesso ao original, ou mesmo tendo acesso, não domina a língua fonte.

Percebemos, até agora, como a leitura e a escrita adequadas são ferramentas fundamentais para que o tradutor faça um bom trabalho. Arrojo reitera que ele deve ter conhecimento a respeito das teorias e dos estudos sobre tradução para que compreenda e reflita criticamente sobre a natureza de seu trabalho de forma a obter recursos que o ajudem nessa árdua tarefa. Para a autora, cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e de duas culturas diferentes e esse confronto é único, irrepetível, pois suas variáveis são imprevisíveis.

Considerando o texto científico, Arrojo aplica a mesma ideia explicitada anteriormente: para que o tradutor consiga lê-lo de forma apropriada, é necessário que ele saiba dos pressupostos e das concepções científicas da comunidade que o produziu, assim como as convenções que devem guiar sua leitura. Se o tradutor não tiver o domínio dos conceitos e das terminologias de uma determinada ciência, ocorrerá certamente problema de tradução, podendo ocasionar desvios de sentido. Dessa forma, podem surgir diversas interpretações, caracterizando má compreensão da ideia proposta pelo texto original.

Percebe-se, a partir daí, que, além do conhecimento das duas línguas e da prática de leitura, a informação (tanto a comum como a científica) é também uma forte aliada do tradutor: quanto mais bem informado ele for, quanto mais conhecedor ele for da obra do escritor que ele pretende traduzir, mais bem-sucedidas serão sua leitura e sua tradução. A visão dialógica da linguagem, proposta por Bakhtin (1995), é outra ferramenta que também ajuda o tradutor no seu ofício, como será visto na próxima seção.

1.3 VISÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Representar a linguagem sob uma perspectiva enunciativa é uma visão praticamente nova na Linguística. A enunciação concebe a língua a partir de seu uso, considerando os sujeitos falantes. No entanto, alguns linguistas como Benveniste e Ducrot apresentam a enunciação sob um viés diferente de Mikhail Bakhtin.

Para Benveniste (1989), a enunciação é a colocação da língua em funcionamento por um ato individual de realização, ou seja, a enunciação se caracteriza como um ato individual de produzir enunciados. Por sua vez, para Ducrot (1987) a enunciação é um acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. O linguista francês estuda como o processo se marca no produto, ou seja, como a enunciação se marca no enunciado. De acordo com Ducrot, o enunciado é uma “realidade empírica observável” (1990:65), uma “ocorrência particular da frase” (2008:7).

Primeiramente, esclarece-se que Bakhtin não é um linguista, mas um filósofo da linguagem, cujas ideias antecipam o que se pode chamar de visão enunciativa da linguagem, caracterizada, fundamentalmente, por levar em conta a intervenção da subjetividade nos processos de construção do sentido. Para Bakhtin, a subjetividade é essencial, uma vez que o sujeito expressa seu ponto de vista ao usar a língua.

Essa visão de linguagem perpassa a obra de Bakhtin, tendo sido particularmente desenvolvida em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929), obra que tem sua autoria questionada. Sabe-se que Bakhtin se reunia com um grupo multidisciplinar, conhecido como Círculo de Bakhtin, de que fazia parte Volochinov, um estudioso da linguagem. Algumas obras do Círculo, como *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, são atribuídas ou somente a Volochinov ou a ele e Bakhtin, em co-autoria. Neste artigo, não se toma posição sobre essa questão, por não ser ela relevante para seus propósitos. Faz-se referência apenas a Bakhtin, por ser ele notoriamente o pensador mais destacado do grupo, não se desconhecendo que suas

ideias foram desenvolvidas em diálogo com os teóricos que frequentavam as reuniões do Círculo.

Para Bakhtin, todo discurso não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Ele trabalha a língua em uso, concreta e viva, no acontecimento da enunciação.

O pensador desenvolve sua teoria da linguagem sob o princípio de que o dialogismo é constitutivo dos processos de tomada da palavra. Trata das relações do enunciado com enunciados já constituídos, e para a incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes do outro no enunciado. A língua, então, se molda através das experiências e visões de mundo do locutor e do outro, que sempre se encontram presentes na fala desse locutor, promovendo sentidos impregnados por valores ideológicos.

A recepção/compreensão ativa proposta por Bakhtin retrata o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. O locutor enuncia em função do interlocutor (real ou virtual), esperando deste último uma atitude responsiva, em um ato de ratificação, reiteração, reformulação ou oposição. A compreensão da enunciação ocorre porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos dizeres quanto com os dizeres alheios. O que importa é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico do ponto de vista enunciativo, das condições da produção e da interação receptor/locutor.

Portanto, nota-se que vários fatores são determinantes na constituição do dialogismo: o diálogo com o outro, a produção da significação, o momento histórico em que é produzido, o lugar de onde é produzido e as relações com outros enunciados. Um discurso, quando produzido, dialoga com o momento histórico, o espaço social e outros enunciados e esse mesmo discurso considera que essa produção é um ato responsivo que pede a interferência do outro. Enfim, as relações dialógicas lidam com os sentidos, com os discursos permeados por outros e com a interação entre o locutor e o interlocutor num jogo intenso de compreensão e troca de papéis. Percebe-se, dessa forma, que a tradução encaixa-se diretamente na perspectiva bakhtiniana, uma vez que o tradutor está inserido em um determinado momento histórico e em determinado espaço social. Toda tradução é, então, o resultado de ecos de outros enunciados. Cabe ao tradutor reescrevê-los adequadamente, utilizando não só seus conhecimentos teóricos, mas também suas experiências como escultor da linguagem.

A expressão, para Bakhtin, é uma forma de o sujeito interagir com o outro, conforme veremos a seguir.

1.3.1 CRÍTICA À TEORIA DA EXPRESSÃO E NOÇÃO DE PALAVRA: MARCAS DE DIALOGISMO E DE SUBJETIVIDADE

Em parte da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), Bakhtin busca a verdadeira substância da linguagem. A partir do capítulo 4, submete à crítica duas orientações do pensamento filosófico-linguístico: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. Essas críticas são feitas no intuito de buscar resposta para questões colocadas no final do cap. 4: Qual o verdadeiro núcleo da realidade linguística? O ato individual da fala? (cf. subjetivismo idealista) ou o sistema da língua? (cf. o objetivismo abstrato)

O objetivismo abstrato critica o conceito de língua enquanto sistema sincrônico de relações. Para Bakhtin, o sistema sincrônico não corresponde a nenhum momento efetivo do processo de evolução da língua (1995). Contesta também a ideia de língua como sistema de regras imutáveis e incontestáveis (ibid, p. 90-92), considerando que “O centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto.” Problematiza ainda a concepção de compreensão como ato passivo (ibid, p. 98), a partir da qual coloca a língua fora do fluxo da comunicação verbal (ibid, p. 107).

No capítulo 6, Bakhtin prossegue na busca da verdadeira substância da linguagem. A crítica é dirigida, nesse momento, ao subjetivismo individualista, que se apoia também sobre a ideia de que a enunciação é ato puramente individual, expressão da consciência individual, ou seja, monológica.

A enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista se apresenta como expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, entre outros. Bakhtin contesta a noção de expressão, tal como presente no subjetivismo idealista, como “tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (ibid, 111). Em sua visão, esse conceito de expressão pressupõe dualismo entre exterior e interior, quando, de fato, todo ato de objetivação (expressão) procede do interior para o exterior. Exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apoderar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras. Ao dominar o material, transformá-lo em meio obediente, de expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e obriga-se a assumir um compromisso.

A crítica de Bakhtin (1992:12) à teoria da expressão que sustenta o subjetivismo idealista é nítida no trecho a seguir:

Basicamente, a expressão se constrói no interior; sua exteriorização não é senão uma tradução. Disso resulta a compreensão, o comentário e a explicação do fato ideológico devem dirigir-se para o interior, isto é, fazer o caminho do inverso, da expressão: procedendo da objetivação exterior, a explicação deve infiltrar-se até as suas raízes formadoras internas. Esta é a concepção da expressão no subjetivismo individualista.

Segundo Bakhtin, a teoria da expressão da primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico é falsa. O conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados a partir de um único e mesmo material, pois não há atividade mental sem expressão semiótica. É a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina a sua orientação.

O aspecto da expressão-enunciação é determinado pelas condições reais da enunciação em questão, a situação social mais imediata, no entendimento do autor. Assim, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor. Dessa forma, Bakhtin faz uma crítica afirmando que não pode haver interlocutor abstrato, não obteríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem na conotação nem na denotação. Para o diálogo, é necessário perceber o meio social concreto e a ideologia do grupo social e da época que pertencemos. No processo tradutório se torna fundamental considerar em qual meio social e em que ideologia o texto fonte se insere. Se o tradutor não levar em conta esses aspectos, acabará produzindo um sentido conotativo ou denotativo, sentidos que causam repulsa a Bakhtin.

A reflexão e o mundo interior de cada indivíduo têm um auditório social próprio estabelecido, em cuja atmosfera se constrói suas deduções interiores, e suas motivações, apreciações. A cultura do indivíduo influenciará o auditório, criando uma cadeia ideológica através da classe e da época. A orientação da palavra em função do interlocutor comporta duas faces: ela procede de alguém e se dirige a alguém. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin define palavra como produto da interação do locutor e do ouvinte. É através da palavra que um indivíduo se define em relação ao outro, à coletividade; é o território comum entre o locutor e o interlocutor; e é através do signo que o indivíduo expõe a sua ideologia, essencial para a sua funcionalidade.

Complementando esse conceito, no texto *Gêneros do Discurso*, o filósofo russo afirma que as palavras são escolhidas de acordo com as especificidades dos gêneros do discurso, visto que elas evidenciam a expressão típica e ecos do gênero em que circulam. A partir disso as palavras são infiltradas no discurso, permeadas por ecos e tons de enunciação alheias. Através de um excerto de Bakhtin (2003:294), podemos compreender os três aspectos essenciais da palavra para o falante:

... como a palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém, como palavra alheia dos outros, cheia de eco dos outros enunciados; e por último, como a minha palavra,

porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva, mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual. Neste caso, a palavra atua como expressão de certa posição valorativa do homem individual (...) como abreviatura do enunciado.

Esses três aspectos são essenciais no processo tradutório, podendo criar aspectos semânticos distintos entre o texto fonte e o texto alvo, como será visto nas análises. Na seção a seguir, dar-se-á início à visão enunciativa propriamente bakhtiniana.

1.3.2 SIGNO IDEOLÓGICO

Para Bakhtin, todo produto ideológico representa uma realidade (natural ou social), mas difere do corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo porque reflete e refrata uma outra realidade. A ideologia é revestida de significado e remete a algo exterior. Dizendo de outra forma, toda a ideologia é um signo. Sem signos não há ideologia. O corpo físico converte-se em signo quando simbolizado pelo princípio da inércia e do determinismo por um objeto único. A imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico também é um produto ideológico. Os produtos de consumo (pão e vinho – comunhão cristã) e os instrumentos de produção (foice e martelo da União Soviética) podem ser signos ideológicos, mas não apagam a sua função. Eles existem paralelamente ao universo dos signos, que é um universo particular.

Os signos são também objetos naturais, específicos e podem adquirir um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. O signo existe a partir de uma realidade, mas também faz a reflexão e refração de outra. Desta forma, o signo e a ideologia possuem uma relação mútua.

O signo ideológico é, então, caracterizado pela materialidade, pela reflexão/refração e pelo sentido. A materialidade do signo (som, massa física, cor, movimento do corpo) se caracteriza pela objetividade da realidade e por sua exterioridade. A consciência se constitui em realidade a partir desta encarnação material dos signos. E, através da criatividade e da compreensão ideológica, busca-se o deslocamento de signo em signo para um novo signo, passando de um elo semiótico para outro elo de natureza idêntica, sem quebrar a existência interior, de natureza não material e não corporificada em signos.

Para Bakhtin, essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do

processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. Os signos, então, são fundamentais para a consciência individual, para a matéria de seu desenvolvimento, refletindo sua lógica – comunicação ideológica e interação semiótica de um grupo social - e suas leis.

O aspecto semiótico e a comunicação social decorrem dessa interação feita através da linguagem, especificamente da palavra, que é um fenômeno ideológico e que estabelece a relação social. Citando Bakhtin, é precisamente na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica.

Outro fator importante para entender a palavra como material semiótico da vida interior, da consciência, é desprovê-la de qualquer material extra corporal, pois é produzida pelos meios do organismo individual. A palavra pode funcionar como signo interior, sem expressão externa, sendo provida de valor ideológico, apresentando ressonâncias de sentido e podendo se ressignificar. Dessa forma, as palavras são signos ideológicos por excelência, refletindo e refratando a realidade. A tradução é uma forma clássica de refração, pois uma palavra na língua fonte pode refratar diversos sentidos na língua alvo. Utilizando-se brevemente do trecho 5 da seção 3, temos: *Pierre a acheté un magnétophone à Paris*, e a tradução correspondente *Pedro comprou livros em Campinas*. Poderíamos ter outras traduções, como: *Pedro comprou computadores em São Paulo*, ou até mesmo *Pedro comprou souvenirs no Rio de Janeiro*. Essas diferentes formas de traduzir mostram que nenhum texto tem um sentido fixo, é o tradutor que lhe define. E a refração está sempre presente. Na seção a seguir, veremos como Bakhtin conceitua esse fenômeno tão importante.

1.3.3 TEORIA DA REFRAÇÃO

A condição de existência do signo bakhtiniano é a reflexão e a refração de uma outra realidade, diferente daquela já vista. O signo é capaz de distorcer a realidade, segui-la ou apreendê-la de um ponto de vista específico, sofrendo uma avaliação ideológica. Cada área da ideologia – representação, símbolo religioso, fórmula científica, dentre outras - tem uma forma de refletir a realidade e a refrata de modo particular. É a semiótica que une os fenômenos ideológicos, generalizando-os.

O signo bakhtiniano ao estabelecer-se em um conjunto valorado mostra como ocorrem as ressonâncias de sentido: a reflexão é o signo como pura abstração, é a realidade. A refração

é uma condição necessária do signo e ocorre a partir da interferência do sujeito na realidade. Várias refrações podem surgir a partir de uma reflexão já que os indivíduos estão cercados por ambientes ideológicos diversos. Essa situação é recorrente na tradução: a transformação de um signo de uma língua para outra sem perder o sentido é impossível. No entanto, é preciso que o tradutor conheça a cultura de outro grupo e reconheça e respeite as suas ideologias para escolher o signo adequado. À medida que o signo é posto, ele refrata vários sentidos porque ganha o suporte do outro, num jogo constante de trocas e criação de novos elos. Na seção 3, trecho 1, temos um exemplo em que *repérables* é traduzido como *orientáveis*. Essa palavra é adequada para o enunciado. No entanto, se o tradutor levasse em consideração o que o dicionário francês define como *repérables*, ele não conseguiria recuperar o sentido proposto pelo tradutor. Verifica-se, assim, que o tradutor tem várias opções lexicais, cabe a ele refratá-la da forma que designa apropriada.

1.3.4 TEMA E SIGNIFICAÇÃO

O tema e a significação, na visão de Bakhtin, constituem a enunciação. Cada um deles apresenta características específicas, fundamentais para a compreensão da tradução. O tema da enunciação se caracteriza por seu caráter individual e não reiterável. Ele é determinado pelas formas linguísticas da composição, ou seja, a significação, e por elementos não verbais da situação. O tema da enunciação é concreto assim como o instante histórico ao qual ela pertence. Segundo Bakhtin (1995:128) “Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação”.

A enunciação também é composta pela significação que, contrariamente ao tema, apresenta os elementos da enunciação como reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. A significação da enunciação é realizada a partir do conjunto de significações e dos elementos linguísticos que a compõem. O tema e a significação precisam estabelecer laços para que um e outro possam conservar suas características: o tema apresenta o sistema de signos pela sua complexidade e dinamicidade e procura adaptar-se a um momento específico, já a significação é um aparato técnico para a realização do tema. A significação, por outro lado, pertence a um conjunto de elementos na sua relação com o todo.

Conforme Bakhtin, o tema constitui o *estágio superior real da capacidade linguística de significar*. A significação é o *estágio inferior da capacidade de significar*. A significação

não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto.

O sentido (constituído de tema, significação e valoração), por sua multiplicidade, realiza a união entre os interlocutores, isto é, ela se mantém no processo de compreensão ativa e responsiva. Pode-se dizer que ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro.

O significado também se corporifica pelo acento de valor ou apreciativo, ou seja, o conteúdo objetivo pela fala sempre tem um acento apreciativo específico. Este acento é transmitido pela *entoação expressiva* determinada pela situação social e pelos sentidos abertos e distintos estabelecidos por enunciadores diversos. Assim, em cada enunciação há um sentido e uma orientação apreciativa. Além disso, a criatividade nas mudanças de significação ocorre por causa da apreciação. Estas mudanças são um deslocamento de certa palavra de um contexto apreciativo para outro.

Percebe-se, portanto, que o sentido apresenta algumas características básicas: o tema (que é irrepetível e possui um grau de valoração); a significação (que é coletiva e tem elementos reiteráveis e idênticos), o acento apreciativo (que determina a entoação expressiva) e a entoação expressiva (determinada pela situação social, pela orientação apreciativa e pelos julgamentos de valor). No processo tradutório, cabe ao tradutor captar a entoação dos signos para que consiga ressignificá-los e preenchê-los com novos sentidos, sempre incompletos e reveladores da subjetividade. O trecho 3, da seção 3, é um exemplo típico dessa revelação da subjetividade: ao traduzir *J'ai vu des cousins doit recouvrir au moins deux énoncés différents, selon que les cousins sont des insectes ou des parents* por *Refiz as contas com ele, deve corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes, conforme as contas sejam operações aritméticas ou de esfera de vidro ou metal, a ser enfiada num rosário*, nota-se que o tradutor faz uma adaptação para transmitir o sentido proposto pelo trecho original, mostrando como o signo se apresenta sempre inacabado e pronto para ser ressignificado.

Na seção a seguir, será apresentada a metodologia, em que está caracterizado o *corpus* de análise, assim como a teoria a ser utilizada.

2. METODOLOGIA

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, são analisados textos científicos em francês referentes à Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot e colaboradores e sua respectiva tradução. O *corpus* é constituído por dez enunciados, sendo cinco deles em francês e cinco em

português. Seguindo a concepção bakhtiniana, o enunciado é uma unidade viva da comunicação real que envolve três características: 1) a relação do locutor e os outros interlocutores da comunicação verbal; 2) a alternância entre o locutor e os interlocutores; 3) o acabamento específico. O enunciado é, portanto, a unidade da comunicação verbal que permite tratar a linguagem como movimento de interlocução real.

Os capítulos dos livros são os seguintes: *Les mots du discours – capítulo 1: L'analyse de textes et linguistique de l'énonciation* (Ducrot, 1980) e a tradução *Análise de textos e linguística da enunciação*, e *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique* (Ducrot, 1972), capítulos 2 e 4 - *La notion de présupposition: présentation historique e La présupposition dans la description sémantique* e as respectivas traduções *A noção de pressuposição – Apresentação histórica e A pressuposição na descrição semântica*.

Para a análise recorre-se aos conceitos bakhtinianos como o signo ideológico, que vê o signo através do fenômeno da reflexão/refração e também à noção de palavra e seus três aspectos, apresentados na seção 1.3.1. A partir desses três aspectos, podem-se definir os três discursos no processo tradutório que serão analisados adiante: a palavra da língua é o dicionário, a palavra *alheia* é o texto fonte, ou seja, o texto de Ducrot e os ecos de outros discursos e a *minha* palavra é o texto alvo, fruto da apropriação do texto fonte pelo tradutor.

Outra teoria que servirá de base é a teoria da tradução, de Rosemary Arrojo, que define a tradução como uma leitura do texto fonte a fim de buscar o sentido na língua alvo, uma transformação de uma língua em outra, um texto em outro, produzindo sentidos, considerando as diferenças linguístico-culturais. Acreditamos que essas duas teorias apresentam recursos suficientes para que possamos realizar as seguintes etapas de análise:

- identificação das diferenças linguístico-culturais (em itálico);
- explicação do sentido pelas teorias escolhidas (podemos utilizar as duas teorias ou somente uma, dependendo do contexto discursivo que nos é apresentado);

Um tradutor, assim como seus textos, deixa marcas enunciativas em seu discurso e cabe a ele buscar os recursos necessários para a realização de um bom trabalho. O tradutor não busca um texto final, pois está imerso em um processo de leitura e, a partir dele, é capaz de construir sentidos para tornar-se, enfim, tradutor. A tradução envolve o domínio da língua alvo e da língua fonte assim como a aprendizagem de como se lê um texto. Temos aí a grande responsabilidade do tradutor perante o texto que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar dois sistemas linguísticos, e esse confronto é sempre único, irrepetível, já que as variáveis são imprevisíveis e os sentidos diversos.

3. ANÁLISES

3.1 TRADUÇÃO

As análises de textos traduzidos são apresentadas de acordo com as diferentes obras.

Começa-se a análise com um enunciado do livro *Les mots du discours – capítulo 1: L'analyse de textes et linguistique de l'énonciation* (Ducrot, 1980) e a tradução *Análise de textos e linguística da enunciação*. Após apresenta-se três enunciados do capítulo 4 do livro *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique* (Ducrot, 1972) *La présupposition dans la description sémantique* e a tradução *A pressuposição na descrição semântica*. O último enunciado a ser analisado também é do livro *Dire et ne pas dire: La notion de présupposition: présentation historique* e a tradução *A noção de pressuposição – Apresentação histórica*.

3.1.1 ANÁLISE DE TEXTOS E LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

Trecho 1:

...Ainsi, dans la notation la plus habituelle du Calcul propositionnel, on trouve toujours, immédiatement à droite d'un connecteur comme *et*, une et une seule *suite* de symboles qui constitue une proposition, et de même à gauche: ce sont ces deux *suites*, mécaniquement *repérables*, qui sont conjointes par le *et*. (p.15)

... Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como *e*, uma e uma única *continuação* de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas *continuações*, mecanicamente *orientáveis*, que são colocadas juntas pelo *e*. (p.9)

Nesse enunciado temos duas marcas de diferenças linguístico-culturais: *suite* traduzido por *continuação* e *repérables* traduzido por *orientáveis*. Utilizando a teoria de Bakhtin percebe-se que os signos são caracterizados pela ideologia. E toda ideologia é revestida de sentido, pois cria novos elos a partir da contribuição do outro. Dessa forma, o tradutor também é autor do texto. Os pares de signos *suite - continuação* e *repérables-orientáveis* revela que o tradutor capta as ressonâncias enunciadas através da entoação, ou seja, estabelece uma valoração a partir da realidade a que pertence. Essa realidade sofre um processo de reflexão, e conseqüentemente, uma refração caracterizada pelas ressignificações possíveis,

marca da subjetividade e da singularidade. Recorrendo à noção de palavras e seus três aspectos – palavra da língua, palavra *alheia* e *minha* palavra – pode-se fazer a seguinte análise: a *palavra da língua* é o significado descontextualizado que as palavras *suite* e *repérables* têm, por exemplo, no dicionário *Le Robert Micro – Dictionnaire d'apprentissage de la langue française (2006)*:

Suite. n.f I. (Dans des loc.) **1.** Situation de ce qui suit. *Prendre la suite de qqn, lui succéder (...)* **2.** Ordre de ce qui se suit en formant un sens. *La suite de phrases d'un texte. (...)*

Repérables. n.m. ≠ *repaire*. **1.** Marque, signe... utilisé pour retrouver un endroit dans un travail avec précision. *Tracer des repères sur des pièces de bois. Choisir un repère. (...)*

A *palavra alheia* é o sentido proposto por Ducrot, assim como outros discursos que ecoam suas vozes. Tem-se a *minha palavra*, a palavra do tradutor que se apropria do texto fonte e estabelece ressignificações no texto alvo: *suite* traduzido por *continuação* e *repérables* traduzido por *orientáveis*. Acredita-se que a proposta do tradutor não caracteriza de forma alguma um erro, pois ele considera o contexto da obra de Ducrot. Assim, o tradutor enfatiza sua singularidade e o seu modo de ler e reinventar o discurso.

3.1.2 A PRESSUPOSIÇÃO NA DESCRIÇÃO SEMÂNTICA

Trecho 2:

Il reste à voir maintenant l'organisation interne à donner à cet ensemble de connaissances qui constitue la « description sémantique ». Elles risquent en effet d'être très hétérogènes, voire hétéroclites. Car on devra y loger, outre des connaissances habituellement appelées "linguistiques", un certain nombre de lois d'ordre psychologique, logique ou sociologique, un inventaire des figures de style employées par la collectivité qui parle la *langue* décrite, avec leurs conditions d'application, des renseignements aussi, sur les différentes utilisations du *langage* dans cette même collectivité. Comment rendre compte autrement du fait que l'énoncé *Quel beau temps !* puisse, dans certaines circonstances, avoir à peu la même valeur que *Le mauvais temps !*, dans d'autres, être compris comme *Nous n'avons rien à nous dire...etc* Ou encore, comment expliquer que l'étiquette *Ouvert le mardi, à la devanture d'un magasin, se comprend tantôt comme « ouvert même le mardi », tantôt comme « ouvert seulement le mardi »*. Si l'on veut, pour chaque énoncé, prévoir l'infinité des significations que lui donne l'infinité de contextes possibles, il faut introduire dans le rectangle par lequel nous avons figuré la description sémantique, des renseignements traitant,

à peu de chose près, *de omni re scibili*. Qu'est-ce que la linguistique va gagner à cette confusion ? (p.110)

Resta ver, agora, a organização interna a ser dada a esse conjunto de conhecimentos que constitui a “descrição semântica.” Eles correm, com efeito, o risco de ser muito heterogêneos, para não dizer heteróclitos. Pois nessa organização será preciso abrigar, além dos conhecimentos habitualmente chamados “linguísticos” certo número de leis de ordem psicológica, lógica ou sociológica; um inventário das figuras de estilo empregadas pela coletividade que fala a *língua* descrita, com suas condições de aplicação, e com informações também sobre as diferentes utilizações da *língua* nessa mesma coletividade. Como dar conta, sem isso, do fato, de que o enunciado *Que dia bonito!* pode, em certas circunstâncias, ter quase o mesmo valor de *Que dia horrível!*; e em outras circunstâncias ser compreendido como *Não temos nada a nos dizer... etc?* Ou ainda, como explicar o fato de que o cartaz *Aberto à noite na porta de um restaurante, se compreenda ora como “aberto somente de noite” ora como “aberto também de noite?”* Se quisermos, para cada enunciado, prever a infinidade de significações que lhe dá a infinidade dos contextos possíveis, cumprirá introduzir, no retângulo por meio do qual representamos a descrição semântica, informações que tratam praticamente *de omni re scibili*. O que é que a linguística pode ganhar com essa confusão? (p.121)

Nesses enunciados percebem-se dois signos com valoração diferentes: *langage* traduzido por *língua* e o enunciado *Ouvert le mardi, à la devanture d'un magasin, se comprend tantôt comme « ouvert même le mardi », tantôt comme « ouvert seulement le mardi »* traduzido por *Aberto à noite na porta de um restaurante, se compreenda ora como “aberto somente de noite” ora como “aberto também de noite?”*

Para a análise da primeira distinção linguística (*langage*-*língua*) pode-se afirmar que ela confirma a ideia de Bakhtin: cada discurso apresenta uma pluralidade de sentidos visto que o outro interfere o tempo todo no discurso do tradutor, dada a incompletude de signos ideológicos. Nenhum sentido é mais proeminente que o outro, todos têm seu valor. Outra análise possível é através da noção de palavra: na *palavra da língua*, ou seja, no dicionário vê-se o seguinte sentido:

Langage n.m. **I. 1.** Fonction d'expression de la pensée et de communication entre les hommes, mise en oeuvre par la parole ou par l'écriture. *Etude du langage.* → **linguistique.** *Le langage et les langues.*

Considerando esse sentido fora do contexto discursivo, tem-se uma potencialidade de sentido. No entanto, a *palavra alheia* – o texto em francês de Ducrot e os ecos de outros discursos – possui outro valor semântico, pois está em um contexto de uso da língua: a linguagem, para o linguista francês, engloba a língua (sistema) e a fala (uso desse sistema). A *minha palavra*, a palavra do tradutor, apresenta um conceito distinto daquele do texto base, visto que a língua é traduzida como linguagem. Salienta-se que esse trabalho não procura julgar as escolhas do tradutor, apenas mostra a forma como ele interfere no texto, deixando seus rastros dialógicos.

No segundo enunciado, *Ouvert le mardi, à la devanture d'un magasin, se comprend tantôt comme « ouvert même le mardi », tantôt comme « ouvert seulement le mardi »* traduzido por *Aberto à noite na porta de um restaurante, se compreenda ora como “aberto somente de noite” ora como “aberto também de noite?”*, podemos usar o conceito de dialogia aliado à teoria de tradução de Rosemary Arrojo. Verificamos que o segundo enunciado não apresenta somente características linguísticas, mas diz respeito também às diferenças culturais entre Brasil e França recuperadas pelo tradutor. Conforme Arrojo (1986), um bom tradutor não necessita somente conhecer as duas línguas em questão, mas também as culturas para que não cometa desvios de sentido. Pensamos que a adaptação do tradutor para a realidade brasileira possibilita uma compreensão para o público leitor. Utilizando a teoria bakhtiniana, pode-se afirmar que o tradutor utiliza suas experiências e visões de mundo e também das relações do enunciado com outros já constituídos para moldar o sentido. Nesse caso, nota-se que o tradutor, ao adaptar os signos do texto fonte para signos compreensíveis para o leitor do texto alvo, teve a capacidade de reconhecer que não são todos que sabem que não é comum os restaurantes abrirem às terças-feiras na capital francesa. Quando há a troca de *mardi* por *noite* se preserva o sentido e também se marca a subjetividade do tradutor, um “ressignificador” do sentido.

Trecho 3

Tel qu'il apparaît dans le schéma de la pIII, le composant linguistique prend pour point de départ les énoncés considérés hors de tout contexte, et leur assigne des significations. En quoi consistent donc ces « énoncés » ? Il ne saurait s'agir des suites de sons ou des lettres

perceptibles. Pour deux raisons au moins. La première est que nous serons souvent obligés d'admettre qu'une même forme matérielle manifeste plusieurs énoncés distincts: nous dirons en ce cas qu'elle est ambiguë. Pour prendre un exemple grossier, la suite, phonique ou écrite, correspondant à *J'ai vu des cousins doit recouvrir au moins deux énoncés différents, selon que les cousins sont des insectes ou des parents.* (p.113)

Conforme aparece no esquema da p.122, o componente linguístico toma como ponto de partida os enunciados considerados fora de qualquer contexto e atribui-lhes [sic] significações. Em que consistem, pois, esses “enunciados”? Não pode tratar-se de sequência de sons ou letras perceptíveis, pelo menos por duas razões. A primeira é a de que seremos frequentemente obrigados a admitir que uma mesma forma material manifesta vários enunciados distintos: diremos, nesse caso, ela é ambígua. Para tomar um exemplo grosseiro, a sequência, fônica ou escrita correspondente a *Refiz as contas com ele, deve corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes, conforme as contas sejam operações aritméticas ou de esfera de vidro ou metal, a ser enfiada num rosário.* (p.124)

Nesse trecho tem-se: *J'ai vu des cousins doit recouvrir au moins deux énoncés différents, selon que les cousins sont des insectes ou des parents* traduzido por *Refiz as contas com ele, deve corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes, conforme as contas sejam operações aritméticas ou de esfera de vidro ou metal, a ser enfiada num rosário.* Acredita-se que se pode usar a teoria enunciativa e a teoria da tradução. Pela teoria de Arrojo (1986) nota-se que o tradutor fez a adaptação para que o público brasileiro compreendesse. Acredita-se, conforme Arrojo (1986), que algumas barreiras culturais devem ser quebradas pelo tradutor, a fim de construir o sentido proposto pelo autor. Sabemos que a adaptação é necessária e é uma possibilidade de tradução, restabelecendo o sentido entre o texto fonte e o texto alvo assim como fazendo um elo entre tradutor e leitor. Para uma explicação via Bakhtin, pode-se afirmar que a diversidade tradutória é marcada pela refração do signo, em que vários sentidos são articulados. Este fato ocorre porque o tradutor usa a sua expressividade, a sua valoração, as suas experiências, as suas ideologias para que possa construir um sentido, que é ressignificado cada vez que é enunciado. Com a noção de palavra, tem-se a *palavra da língua*

cousin: n. 1. Se dit des enfants et des descendants de personnes qui sont frères et soeurs. 2.moustique.

A *palavra alheia*, o texto base, nesse caso, idealiza o sentido do dicionário. A característica do dicionário é mostrar os sentidos das palavras mais usadas pelos falantes em determinados contextos. Dessa forma, palavras dicionarizadas são cristalizadas e definidas. A *minha palavra*, a apropriação do tradutor, define *cousin* como *contas*. A adaptação do tradutor revela que o signo em francês, quando traduzido para o português, é uma potencializadora de sentido. A ambiguidade e o sentido “transparentem” no momento em que *cousin* é substituído por *contas* (*contas aritméticas e contas de um rosário*)

Trecho 4

Les règles dont il va être question en commun de produire un effet de sens que nous avons proposé ailleurs d'appeler “sous-entendu”. Une première caractéristique du sous-entendu est sa dépendance par rapport au contexte, son instabilité. En disant au patron d'un hotel *Ces matins, les croissants étaient frais, on laisse entendre qu'ils étaient secs les jours précédents*. Mais il est impossible de formuler une règle: “En employant un énoncé de la forme *Au moment t, l'objet A a la propriété P*, on donne toujours à penser que A a la propriété P à ce seul moment.” *Car l'énoncé précédent peut très bien être utilisé par le patron, sur le point d'annoncer que le lendemain, par suite de la grève des boulangers, il ne pourra pas, exceptionnellement, servir des croissants frais*. On peut d'autre part facilement imaginer un client qui, après une journée passée à l'hôtel, énumère ses griefs: “ *Ce matin, les croissants étaient secs; au déjeuner, la viande était dure...*” C'est une des raisons pour lesquelles nous réservons au composant rhétorique, qui connaît les contextes, le calcul des sous - entendus. Si nous introduisions dès le composant linguistique la règle précédente, il faudrait donner au composant rhétorique le moyen de prévoir les exceptions imposées par le contexte – ce qui ne simplifierait en rien la description totale. (p.131)

As regras de que vamos tratar têm em comum o fato de produzirem um efeito de sentido que propusemos alhures chamar “subentendidos”. Uma primeira característica do subentendido é sua dependência em relação ao contexto, sua instabilidade. Dizendo ao gerente de um hotel *Esta manhã o café estava quente, dá-se a entender que estava frio nos dias anteriores*. Mas é impossível formular uma regra: “Ao empregar um enunciado da forma *No momento t, o objeto A tem a propriedade P*, sempre se dá a entender que A tem a propriedade P somente nesse momento”. *Pois o enunciado precedente pode muito bem ser empregado pelo próprio gerente, prestes a anunciar que no dia seguinte, em consequência de uma falha de abastecimento de gás, não poderá, excepcionalmente, servir café quente*. Por outro lado,

pode-se facilmente imaginar um hóspede que, depois de um dia passado no hotel, enumera suas críticas: “*Esta manhã o café estava frio; na hora do almoço, a carne estava dura...*” Eis uma das razões pelas quais reservamos ao componente retórico, que conhece os contextos, o cálculo dos subentendidos. Se introduzíssemos desde o componente linguístico a regra precedente, seria preciso dar ao componente retórico o meio de prever as exceções impostas pelo contexto – o que não simplificaria em nada a descrição total. (p.142)

Verificamos nesse trecho três marcas de tradução decorrentes de exemplos: *Ces matins, les croissants étaient frais, on laisse entendre qu'ils étaient secs les jours précédents* traduzido por *Esta manhã o café estava quente, dá-se a entender que estava frio nos dias anteriores; Car l'énoncé précédent peut très bien être utilisé par le patron, sur le point d'annoncer que le lendemain, par suite de la grève des boulangers, il ne pourra pas, exceptionnellement, servir des croissants frais* traduzido por *Pois o enunciado precedente pode muito bem ser empregado pelo próprio gerente, prestes a anunciar que no dia seguinte, em consequência de uma falha de abastecimento de gás, não poderá, excepcionalmente, servir café quente* e “ *Ce matin, les croissants étaient secs; au déjeuner, la viande était dure...*” traduzido por “*Esta manhã o café estava frio; na hora do almoço, a carne estava dura...*”. Para explicar essas marcas, pensa-se em aplicar o procedimento de tradução de Arrojo (1986) e o conceito de reflexão/refração. Arrojo (1986) afirma que o conhecimento das diferenças linguístico-culturais é um dos fatores essenciais para que o tradutor seja promissor em seu ofício. A adaptação, como foi vista no trecho anterior, não demonstra um erro ou um desvio, mas uma forma de traduzir, uma das ferramentas que servem de auxílio para o escultor das palavras. A partir da teoria dialógica, pode-se evocar os seguintes enunciados: o hábito de comer *croissants* pela manhã é legitimamente francês, o hábito de tomar café é legitimamente brasileiro. O tradutor buscou em seu conhecimento de mundo as informações necessárias para fazer uma tradução coerente. Assim, a criação de novos elos do material para o simbólico e do simbólico para o material ocorre por causa da intervenção de um discurso no outro.

3.1.3 A NOÇÃO DE PRESSUPOSIÇÃO: APRESENTAÇÃO HISTÓRICA

Trecho 5

Ainsi donc, si on utilise, dans la recherche des présupposés, les critères signalés par Strawson et Collingwood, on ne peut pas les considérer comme des conditions d'informativité. La

réciproque est d'ailleurs vraie. D'incontestables conditions d'informativité ne possèdent pas cette résistance à la négation et à l'interrogation qui est une des manifestations les plus spectaculaires de la présupposition. Que l'on considère par exemple:

16. *Pierre a acheté un magnétophone à Paris.*

Si vous êtes convaincu que *Pierre n'a pas acheté de magnétophone*, de quoi pourriez-vous être informé lorsqu'on vous dit qu'il en a acheté un à Paris? Or on vérifie facilement que la négation "*Pierre n'a pas acheté de magnétophone à Paris*", et l'interrogation "*Est-ce que Pierre a acheté un magnétophone à Paris?*" ne maintiennent en rien qu'il a acheté un magnétophone. La négation, par exemple, devrait être paraphrasée ici par "*Ou bien Pierre n'a pas acheté de magnétophone, ou bien il l'a acheté ailleurs qu'à Paris.*" (p.58)

Assim, pois, utilizando no estudo dos pressupostos, os critérios apontados por Strawson e Collingwood, não se pode considerá-los como condições de informatividade. A recíproca, porém, é verdadeira. Condições de informatividade incontestáveis não possuem essa resistência à negação e à interrogação que é uma das manifestações mais espetaculares da pressuposição. Consideremos por exemplo:

16. *Pedro comprou livros em Campinas.*

Se estivessem convencidos de que Pedro não comprou livros, de que poderiam ser informados quando lhes dissessem que ele comprou livros em Campinas? Ora, verifica-se facilmente que a negação "*Pedro não comprou livros em Campinas*" e a interrogação "*Pedro comprou livros em Campinas?*" não sustentam necessariamente que ele comprou livros. A negação, por exemplo, deveria ser parafraseada aqui por "*Ou Pedro não comprou livros, ou comprou-os em outro lugar que não Campinas?*"

Nesse trecho utilizaremos a teoria de Arrojo (1986), enfatizando a questão cultural e linguística. Nesses enunciados, percebem-se os seguintes signos: *Pierre a acheté un magnétophone à Paris* por *Pedro comprou livros em Campinas*; *Pierre n'a pas acheté de magnétophone* por "*Pedro não comprou livros em Campinas*"; "*Est-ce que Pierre a acheté un magnétophone à Paris?*" por "*Pedro comprou livros em Campinas?*" e "*Ou bien Pierre n'a pas acheté de magnétophone, ou bien il l'a acheté ailleurs qu'à Paris*" por "*Ou Pedro não comprou livros, ou comprou-os em outro lugar que não Campinas?*" Como afirma Arrojo (1986), o tradutor não deve apenas usar dos conhecimentos das duas línguas em questão, ele deve ter domínio tanto de uma como da outra em seus aspectos culturais. Sabe-se que tanto a língua francesa como a língua portuguesa reconhecem essas duas palavras, mas o

tradutor usou a adaptação como uma forma de estabelecer um vínculo com seu público leitor. A partir da teoria dialógica se pode constatar que a reflexão/refração são conceitos flutuantes, pois não há no uso da língua sentidos pré-determinados, os sentidos são vários devido ao contexto discursivo, a relação locutor e interlocutor e aos elos discursivos existentes. Dessa forma, nenhum signo pode substituir o outro já que cada um forma o sentido a partir do tema (irrepetibilidade), significação (repetibilidade, coletividade), acento apreciativo (entoação expressiva) e a entoação expressiva (valoração do signo por determinada situação social e pela orientação apreciativa).

Verifica-se, portanto, que todos os signos são caracterizados pelas suas especificidades e seus sentidos singulares que revelam as escolhas do tradutor, um ser subjetivo que carrega no seu discurso realidades refletidas, refratadas através da sua tomada de decisão. A ressignificação sempre revela o sujeito como autor do seu próprio discurso, sendo o acabamento e a conclusibilidade ilusões que procuram tornar invisíveis as várias subjetividades presentes nos signos ideológicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, portanto, que o acabamento e a conclusibilidade, entendidas como sentidos fechados, isentos de quaisquer intervenções, não existem. Para Arrojo (1986), o sentido de um texto traduzido depende das ferramentas usadas pelo tradutor. Se ele aplicá-las adequadamente, o sentido não apenas terá marcas de subjetividade, mas de alguém que antes de tradutor, é um eterno leitor-aprendiz. Para Bakhtin (1995), o sentido é sustentado pelo signo ideológico, revestido de entoação expressiva. Essa entoação caracteriza-se pela valoração e o tradutor precisa captá-la no processo de transformação de seu texto, perceber as ressonâncias para ter um texto estável, ou seja, desconstruir o “desnível” que há de uma língua para outra.

O tradutor trabalha o signo que, segundo Bakhtin, não pode ser entendido como pura abstração, pois é capaz de criar diversas refrações da realidade. As refrações são caracterizadas pelas possibilidades de ressignificações que são marcadas por outros discursos, pelo conhecimento de mundo e pelas posições valorativas do autor-tradutor. No processo tradutório, percebe-se a expressividade do tradutor. Nenhum tradutor é invisível na sua obra e nenhuma palavra é construída e acabada. Bakhtin acredita na desconstrução e no inacabamento de um texto traduzido, “pois não existe um potencial texto único dos textos”. O texto mostra a subjetividade e as escolhas do tradutor através dos signos escolhidos. Dessa

forma, traduzir não é promover igualdade linguística entre original e tradução, mas implica transformar o original pela ação do sujeito na linguagem. Acredita-se que estudos nessa linha podem contribuir para a valorização do tradutor, um estudioso da linguagem que marca a sua posição de sujeito a cada signo que utiliza, produzindo sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Inês. Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
2. ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução – A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
3. BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Estudo das ideologias e Filosofia da linguagem. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 31-38. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
4. BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). A interação verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ªed. São Paulo: Hucitec, 1992.p.110-114. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
5. BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). O tema e a significação na língua. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 7ªed. São Paulo: Hucitec, 1995. p.128-136. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira.
6. BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ªed.São Paulo: Martins, 2003.p.261-306.Trad. Paulo Bezerra.
7. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas : Pontes, 1989.
- 8.CAREL, Marion ; Ducrot, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica : o caso da negação. In : *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EdUPUCRS, v.43, n.1, p. 7-18, jan./mar.2008 Tradução: Leci Borges Barbisan.
9. DUCROT, Oswald. La notion de présupposition : présentation historique. In : DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire- Principes de sémantique linguistique*. 2ªed. Paris: Hermann, 1972.
10. DUCROT, Oswald. A noção de pressuposição – Apresentação histórica. In: DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística. Dizer e não dizer*. 2ªed. São Paulo: Cultrix. Tradução: Carlos Vogt.
11. DUCROT, Oswald. La présupposition dans la description sémantique. In : DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire- Principes de sémantique linguistique*. 2ª ed. Paris: Hermann, 1972.

12. DUCROT, Oswald. A pressuposição na descrição semântica. In: DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística. Dizer e não dizer*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix. Tradução: Carlos Vogt.
13. DUCROT, Oswald. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In : DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris : Les éditions de Minuit, 1980.
14. DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas : Pontes, 1987.
15. DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación. Conferencias del seminario teoria de la argumentacion y analisis del discurso*. 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1990.
16. FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
17. FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 2000.
18. REY, Alain. *Le Robert Micro – Dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. 3ªed. Paris : Poche, 2006.

ABSTRACT: This article aims to study the translation process and its functionality within the perspective of Mikhail Bakhtin about the conception of word, reflexion and refraction of the sign. Another perspective is the Translation Theory, by Rosemary Arrojo. In order to illustrate this research, the source text written by Oswald Ducrot and his collaborators was used, researchers of the language who develop the Theory of Argumentation within Language and its respective translations. Through a brief analysis of words of the target text and words of the source text, the study aims to show that no translation can be totally built and finished because besides the fact that one language can not recover another one, it was noticed that the expressiveness of the translator, inevitably, comes out in the translated text.

KEYWORDS: translation process; word; refraction; expressiveness.

Recebido no dia 30 de novembro de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 28 de fevereiro de 2011.